**ROCKETMAN E A CRIANÇA INTERIOR: QUESTÕES ARQUETÍPICAS[[1]](#footnote-1)**

**Sheila Teresa Carmona Simões[[2]](#footnote-2)**

*And I think it's gonna be a long, long, time*

*'Til touchdown brings me 'round again to find*

*I'm not the man they think I am at home*

*Ah, no no no...*

*I'm a Rocket man,*

*Rocket man,*

*Burnin' out his fuse up here alone.*

*(Rocketman - Elton John* & Bernie Taupin) *[[3]](#footnote-3)*

**Resumo**

Este artigo pretende analisar cenas do filme Rocketman: baseado numa fantasia real (FLETCHER, 2019), cinebiografia do *rockstar* Elton John. Os fragmentos selecionados mostram o impacto causado pela rejeição parental quando o personagem, na infância, pede um abraço e, após, na internação para o tratamento do uso de substâncias psicoativas e compulsões, quando o arquétipo da criança vem resgatar o adulto de uma cisão da consciência.

**Palavras-chave:** Arquétipo; Arquétipo da Criança; Psicologia Analítica

**Introdução**

É preciso falar de beleza, de encontro, de entrega ao divino, de destino.

É preciso deixar a beleza da imagem tocar a alma no encontro do eu com a criança interior. Para esse encontro foram analisadas cenas do filme *Rocketman: baseado numa fantasia real* (2019), cinebiografia de Elton John (Reginald Dwight – Reggie)[[4]](#footnote-4), focando o momento em que o personagem central está no tratamento - após tentativa de suicídio - para reabilitação de dependência química de álcool, cocaína, sexo, compulsão alimentar, compras e, sobretudo, movido pela raiva, alienado do seu propósito de vida.

A imagem da criança maltratada e excluída das relações parentais tocou-me profundamente, ecoando os meus próprios sentimentos de rejeição vividos ao longo da vida. Afinal, quem não os tem? Contudo, a solidão e o desamparo sofridos por Reggie ao receber a rejeição do pai após um simples pedido de abraço, me fez pensar num futuro catastrófico para aquela criança.

De fato, as experiências empíricas do indivíduo causam um forte impacto na estruturação da psique, desde os primeiros momentos da consciência, quando o ego ainda não se diferenciou e durante as relações com a mãe, o pai ou seus cuidadores substitutos, nas colisões entre o corpo psicofísico e o meio ambiente. Tais colisões são inevitáveis para promover o desenvolvimento do ego, ao mesmo tempo em que o indivíduo aprende a se adaptar aos conflitos, privações e sofrimentos inerentes às relações em família e sociedade (JUNG,1988; STEIN, 1998).

Edinger (2020) também afirma que o ego em formação sofre constantes ataques, especialmente nas relações primárias, devido ao fato de que, para a criança a mãe e o pai são a representação do Si-mesmo - *Self*. Se acontecer uma falha na estruturação do eixo ego-*Self,* a criança pode experimentar a falta de aceitação, de não pertencimento e o rompimento do vínculo com essa força arquetípica.

O autor refere, ainda, que quando a mãe ou pai projetam suas frustrações, medos e sentimentos destrutivos sobre a criança, uma parte da psique sente a rejeição parental, causando dificuldade de adaptação e medo de ser abandonada, como se não merecesse viver ou ser o que é.

Lidar com as memórias e afetos das vivências mais importantes de um passado remoto e suas influências no estado emocional, no comportamento e nas relações sociais fazem parte do longo caminho da individuação, o processo de “tornar-se um ser único, na medida em que por individualidade entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando, também, que nos tornamos o nosso próprio Si- mesmo” conforme afirma Jung (1981, OC VII, §266).

Nesse processo de despojamento, o ego precisa enfrentar uma longa e, quase sempre, sofrida batalha travada consigo mesmo, até que o indivíduo perceba qual é o seu propósito de vida. Diante dessa premissa, pretendemos analisar o impacto causado pelo arquétipo da criança no momento do encontro com o personagem central.

**A criança abandonada**

Na primeira cena, Elton John é Reggie aos 8 anos de idade tentando fazer parte da vida do seu pai pessoal através da paixão pela música. O menino tímido se aproxima do pai para ser visto, ser ouvido, ser considerado e faz uma pergunta simples: “quando você vai me dar um abraço?”

Na segunda cena, Elton John está no tratamento grupal para reabilitação da dependência química, por compras, por sexo e compulsão alimentar. Após vários momentos de enfrentamento às figuras importantes da sua vida, ele responde às personificações parentais de forma assertiva, se libertando do jugo de maus-tratos e violência que sofreu desde a infância até a vida adulta. Ainda nesta cena, dá-se o grande reencontro com Reggie, apresentado como simbolismo da sua criança interior, que havia ficado abandonada no tempo, sem o abraço.

Abraço esse que tanto ansiou, durante a carreira do rockstar, com um legado de canções profundamente “almadas” (HILLMAN, 2001), porém, acompanhadas de encontros e desencontros em relacionamentos abusivos. Seria um pedido do complexo da criança ferida? Ou o resgate da criança divina, a imagem arquetípica portadora da salvação, em forma de abraço?

Na análise da personalidade é importante diferenciar as imagens que se reúnem num aglomerado, grupo organizado ou constelação de ideias, sentimentos, pensamentos, percepções e memórias formando os complexos no inconsciente pessoal, dentre eles os complexos materno e paterno, que podem ser potencializados por imagens arquetípicas, pois atrás de todo complexo existe um arquétipo (JUNG 1981; 2001).

Cada complexo, primeiramente, é constituído de um elemento nuclear ou portador de significado, que é a representação do fenômeno característico da vida inconsciente. Em segundo plano, o complexo agrega diversos conteúdos pessoais, oriundos da vivência do indivíduo nos ambientes familiar e social, porém ao ser despojado da roupagem pessoal, revelará no seu núcleo a matriz eterna do arquétipo (JACOBI, 1995; STEIN, 1998; JUNG, 2001a).

Jung descreve o motivo da criança como o arquétipo que,

não representa apenas algo que existiu no passado longínquo, mas também algo presente; não é somente um vestígio, mas um sistema que funciona ainda, destinado a compensar ou corrigir as unilateralidades ou extravagâncias inevitáveis da consciência (2007, OC IX/I, §276).

Reggie viveu, na sua história, relações parentais frias e vazias, com forte rejeição paterna e ambivalência materna, tornando seus cuidados sujeitos ao humor do momento. A criança fazia parte do passado longínquo de Elton John, no entanto, estava presente na extravagância de suas roupas e óculos, nos excessos de álcool e outras drogas e na vida sexual indiferenciada, não consciente para ele. A imagem da criança abandonada, sem amor, nem reconhecimento apenas se impunha para tentar corrigir a unilateralidade da persona espetacular, tão poderosa financeiramente, admirada pelos fãs, mas em busca de sentido para sua vida.

Jung aponta para o fato de que o arquétipo da criança estando em condição de abandono, estaria também exposto a todos os perigos do mundo ao redor, configurando um início insignificante ou miraculoso, porém desamparado do impulso de vida que “obriga tudo o que cresce a obedecer à lei da máxima auto realização; nesse processo as influências do ambiente colocam os maiores e mais diversos obstáculos, dificultando o caminho da individuação” (2007, OC IX/1, § 282).

Reggie estava exposto aos perigosos ataques parentais que sofria em casa, por isso precisou ouvir, literalmente, o chamado do destino para não morrer à míngua, de fome e sede de amor.

Hillman oferece a visão de um impulso salvador - recuperando a ideia de Platão e Plotino para denominar o conceito de *daimon -* como o incentivo do destino inscrito no fruto do carvalho, à fim de realizar seu propósito de vida, refere que “ a imagem inata do seu destino engloba concomitantemente o hoje, o ontem e o amanhã” (2001, p. 17).

Por isso, é fundamental respeitar o *daimon* de cada criança, já que este mostra quem ela é, e o que precisa realizar nessa existência. Assim, o primeiro impulso salvador do *daimon* de Reggie foi ingressar no Conservatório de Música. Seu ouvido absoluto[[5]](#footnote-5) proporcionou o início da carreira do grande compositor de canções maravilhosas, eternizadas para muitas gerações.

**O resgate do homem foguete**

Podemos pensar que Elton John – o homem foguete - vivia uma vida alienada do seu centro ordenador – o Self (Jung, 1981; 1988; Stein, 1998). A letra da música em epígrafe, que também dá nome ao filme, sugere isso:

E eu acho que vai levar muito, muito tempo

Até eu voltar mais uma vez e descobrir

Que eu não sou o homem que eles pensam que sou em casa

Ah, não, não, não

Eu sou o homem foguete,

Homem foguete,

Queimando seu fusível aqui em cima sozinho.

Edinger (2020) refere que o estado de alienação representa a perda de conexão do eixo ego-Self devido ao dano sofrido pela rejeição parental, as consequências são o vazio, o desespero, a falta de sentido e até o suicídio.

Elton John precisava ser alguém diferente de Reggie para conseguir sobreviver à vergonha de ter sido humilhado, ridicularizado e abandonado pelo pai pessoal. Identificou-se com o homem foguete que, durante essa vida de sobrevivência, tentou enfrentar o complexo paterno colocando-se em perigos constantes, enganando a si mesmo com personas infladas e tentando fugir para um lugar distante – entorpecido pelas drogas – de onde demoraria muito tempo para voltar.

Perera (apud Fortim & Araújo, 2015) refere que o dependente químico sofre de uma perda de confiança básica, devido a uma falha no processo de desenvolvimento infantil, quando não vivenciou uma relação parental confiável que pudesse mediar as energias arquetípicas, permanecendo com um desejo desesperado de relacionamento. A substância ou a compulsão seriam o meio de dominar o medo de aniquilação e desespero diante da vida.

Para Zoja (1992) o sofrimento psíquico inconsciente é ilusoriamente domado pelo consumo de drogas e todos os comportamentos adictos, que estariam a serviço de uma instância arquetípica personificada no *herói negativo*, preso ao paradoxo de transcender ao próprio estado à custa de meios danosos para a saúde física e fugir para outro mundo – o mundo do homem foguete - numa ingênua e inconsciente tentativa de conseguir identidade e um papel definido.

A falta do abraço na infância é a imagem que repercutiu ao longo dos anos seguintes da vida de Elton John, iludido pela luta heroica negativa (ZOJA, 1992), travada contra as relações abusivas, e toda sorte de excessos, até a quase morte por overdose. Até então, estava sendo movido pela força autodestrutiva do complexo paterno negativo - um Cronos, engolindo seus filhos assim que estes nascessem – porém, antes de ser devorado pelo complexo ativado e trazer à consciência os conteúdos reprimidos e inconscientes, o Self entrou em ação e evitou o dano fatal (JACOBI, 1995; STEIN 1998a).

Jung alertou para o risco de certos complexos tornarem-se traumáticos, provocando a dissociação da psique, visto que o complexo não se submete ao controle da vontade do ego, mas possui autonomia psíquica sobre ele, “opondo-se à consciência com uma força tirânica” (1999, OC XVI/2, § 266-267).

Somente o sofrimento autêntico e necessário foi capaz de liberar o ego da alienação, cobrando dele que suportasse o abandono e a solidão para tornar-se quem ele é, de fato. Assim, pode-se observar que a alienação funciona como um processo autorregulador, homeostático da psique, levando “a uma consciência maior com relação às alturas – profundidades da vida” (EDINGER, 2020, p. 67).

Antes, porém, de Elton John sucumbir à cisão da consciência, Reggie veio ao seu encontro, em tempo de oferecer-lhe o resgate e salvá-lo dele mesmo, da escuridão que imergia, da “carência psíquica originária” (JUNG, 2007, OC IX/1, § 288), e finalmente, deintegrar do Self com a pergunta: “quando você vai me dar um abraço?”

Como símbolo do processo de individuação, a criança é portadora da salvação, a personificação das forças vitais, que vão além da nossa capacidade de compreender, além da unificação dos opostos e da antecipação de um estado nascente de consciência e consequentemente, portadora da cura (JUNG, 2007; JACOBI, 1995).

“A criança é o futuro em potencial” (Jung, 2007, OC IX/1, §278) na psicologia do indivíduo, um constante fluir para frente e em retrospectiva, rumo à integração do ego ao Si-mesmo.

**Considerações finais**

 Assim como os sonhos podem parecer como se estivéssemos num filme, as obras cinematográficas podem ser analisadas como um sonho. Em se tratando de uma cinebiografia tão autêntica como uma verdadeira fantasia da psique, Rocketman permite muitas ampliações.

 Nesta análise, o foco principal é a presença do arquétipo da criança como personificação da força vital que resgatou o ego da dissociação psíquica, além da beleza do encontro entre o ego desinflado - destituído da persona espetacular - com a criança interior, sugerindo um sentimento de redenção, de possibilidade de um futuro prospectivo para o Elton John, o home foguete.

 Sabemos que há muitos outros olhares em torno da história contada em Rocketman, sugerimos que em trabalhos futuros sejam analisados o mito de Dioniso por sua referência ao indivíduo adicto; o arquétipo do Puer Aeternus pela sua dependência ao complexo materno; e, ainda, aprofundar o conceito da persona dissociada do complexo do eu, como a letra da música refere na frase: “*Que eu não sou o homem que eles pensam que sou em casa”*. Nesta ampliação a imagem “em casa” é referida por Hillman (1981) como simbolismo do abandono infantil.

 Que possamos encontrar nossa criança abandonada e dar-lhe o caloroso abraço, que há tanto tempo ela espera de nós.

**Referências Bibliográficas**

EDINGER, E. Ego e Arquétipo: uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung. 2 ed, São Paulo: Ed Pensamento-Cultrix, 2020.

HILLMAN, J. Estudos de Psicologia Arquetípica. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

HILLMAN, J. O Código do ser. Uma busca do caráter e da vocação pessoal. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JACOBI, J. *Complexo, Arquétipo, Símbolo na psicologia de C.G. Jung.* 10 ed São Paulo: Ed. Cultrix, 1995.

JUNG, C.G. *Estudos sobre psicologia analítica*. *OC* VII Petrópolis: Ed. Vozes, 1981.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_*O desenvolvimento da personalidade*. *OC* XVII Petrópolis: Ed. Vozes,1986.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ *Aion – Estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo*. *OC* IX/2 Petrópolis: Ed. Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ *Ab-reação, análise dos sonhos, transferência*. *OC* XVI/2 Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_*Fundamentos de Psicologia Analítica*. *OC* XVIII/1 Petrópolis: Ed. Vozes,2001.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ *A natureza da psique*. *OC* VIII/2 Petrópolis: Ed. Vozes, 2001a)

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_Os arquétipos e o inconsciente coletivo. *OC* IX/1 Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.

STEIN, M. *Jung: o mapa da alma*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1998.

STEIN, M. O pai devorador. In: DOWNING, C. (Org.) *Espelhos do Self. As imagens arquetípicas que moldam sua vida.* São Paulo: Ed. Cultrix, 1998a).

ZOJA, L. Nascer não basta: iniciação e toxicodependência. São Paulo: Axis Mundi, 1992.

**Documentos Eletrônicos**

DEUTSCH, D. Absolute pitch In D. Deutsch (Ed.). *The psychology of music, 3rd Edition*: 141–182., 2013. Disponível em: < https://doi.org/10.1016/B978-0-12-381460-9.00005-5>. Acesso em 23 de jun de 2020.

FORTIM, I; ARAÚJO, C.A. Psicologia analítica e as dependências: uma revisão. Revista Junguiana, n. 32/2, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/276026775\_Psicologia\_analitica\_e\_as\_dependencias\_uma\_revisao> Acesso em 23 de jun de 2020

FLETCHER, D. (Diretor) ROCKETMAN: Baseado numa fantasia real.UK | USA | Canada: Paramount Pictures, DVD, 2019.

1. Artigo apresentado na XXIX Jornada Regional do IJRS, julho 2020, sob orientação da analista Patrícia Flores de Medeiros. [↑](#footnote-ref-1)
2. Psicóloga, candidata a analista da Turma 8 pelo IJRS. [↑](#footnote-ref-2)
3. E eu acho que vai levar muito, muito tempo / Até eu voltar mais uma vez e descobrir / Que eu não sou o homem que eles pensam que sou em casa / Ah, não, não, não / Eu sou um homem foguete / Homem foguete / Queimando seu fusível aqui em cima sozinho. (Tradução livre pela autora). [↑](#footnote-ref-3)
4. Reginald Dwight é o nome de registro de Elton John e Reggie é seu apelido de infância. [↑](#footnote-ref-4)
5. A capacidade de nomear ou produzir uma nota de um determinado tom na ausência de uma nota de referência. (Deutsch, 2013) [↑](#footnote-ref-5)